

PARTE II

Wilson Martins: Da torre ao estúdio: soluções, equipes e grandes projetos

Por trás das torres, enlaces, antenas e sinais que conectaram o Brasil nas últimas décadas, havia sempre um engenheiro capaz de transformar limitações em soluções e incertezas em cobertura. Martins viveu cada etapa da televisão moderna: a expansão das redes nos anos 1970 e 1980, a redefinição da engenharia na TV Globo, a construção da MTV e da TVA, a potência inédita da Rede Transamérica e a consolidação técnica da EPTV. Uma carreira que atravessa o país e revela o quanto a radiodifusão brasileira dependeu — e ainda depende — de quem sabe construir o que não se vê.

Por Fernando Moura, em São Paulo



Foto: Arquivo Pessoal

Em julho de 1980, Wilson Martins se mudou para Maringá, no Paraná, para assumir o cargo de Gerente de Retransmissão, e posteriormente, Superintendente de Engenharia das três geradoras recém-integradas à RTV/RPTV. Instalado inicialmente em Maringá, recebeu a responsabilidade de “gerenciar a operação e recuperar a infraestrutura precária de transmissão e distribuição” das novas filiações: Curitiba (TV Paranaense – CH 12), Londrina (TV Coroados – CH 3) e Maringá (TV Cultura – CH 8), que substituíram a antiga afiliada da Globo, TV Iguazu. Segundo ele, “a TV Iguazu já era uma rede consolidada no estado e estava entre as afiliadas mais modernas da Globo naquele período”, o que tornava o desafio ainda maior.

Martins conta que, “exceto pelos projetos de regularização junto ao Dentel, conduzidos pela Rede Globo no Rio de Janeiro, minha missão era conceber, planejar, projetar, construir e colocar em operação dezenas de sites RTV em todo o Paraná, padronizando abrigos, torres, energia e toda a infraestrutura”. Ele explicou à reportagem que “todos esses sites precisavam ser conectados às geradoras por uma nova rede RPTV em SHF, implantada simultaneamente”, e que algumas RTV instaladas em sites da Telepar permaneceram temporariamente alimentadas pela rede SHF da própria Telepar, embora tarifadas. “Em aproximadamente três anos, a nova rede estava totalmente em operação e a cobertura não apenas se recuperou, mas superou a da antiga TV Iguazu”, afirma.

“Vivi na época de ouro da televisão brasileira” o que considero “um presente”

Posteriormente, baseado em Curitiba – PR, já após a estabilização da cobertura em todo o estado, a tarefa consistia na consolidação e uma nova onda de expansão da rede de sites do interior, bem como prosseguir com a reestruturação dos sites de transmissão das três geradoras que formavam a Rede Paranaense de Televisão, bem como os sistemas de captação externa e de estúdios, edição, exibição e produção em todas as três sedes das geradoras. Ele lembra que foram

adquiridos e instalados “VTs, câmeras, mesas de corte e áudio, sistemas de edição e numerosos equipamentos de monitoração e processamento”, acompanhados da modernização completa das áreas técnicas. Para ele, “o maior desafio foi implantar a rede RTV/RPTV entre 1980 e 1982, numa verdadeira corrida contra o tempo para restabelecer a grande abrangência do sinal da Globo que antes era distribuído pela TV Iguazu”. Wilson Martins lembra que, com o passar dos anos e já sob outra liderança técnica, “novas geradoras foram incorporadas, estações de FM passaram a integrar o sistema e a geradora de Curitiba ganhou uma nova e moderna sede, tornando-se a RPC”.



Equipe de vídeo do Grupo Abril tirando os equipamentos das caixas e testando funcionalidades / Foto: Arquivo pessoal

Regresso a São Paulo: Globo e Grupo Abril

Em janeiro de 1986 assumiu a posição de Gerente de Engenharia e, posteriormente, Diretor de Operações com quatro Geradoras e Redes RTV/RPTV a cargo na TV Globo. Trabalho que se estenderia até abril de 1989. Martins conta que no início foi responsável pelas instalações de RF da Av. Paulista e Pico do Jaraguá e na sequência, como responsável pela operação

e manutenção de todas as emissoras geradoras 100% Globo do Estado de São Paulo em seus respectivos centros de produção, jornalismo, esportes e transmissão, incluindo suas respectivas redes do interior. “A DIOM-SUL se ocupava das operações técnicas e manutenções das Geradoras de: São Paulo, Bauru, São José do Rio Preto, São José dos Campos.

“Dinheiro curto também faz milagres”.

Martins e o desenvolvimento de equipamentos

O engenheiro Wilson Martins acumulou, ao longo de quatro décadas de radiodifusão, uma extensa prática de desenvolvimento, adaptação e integração de equipamentos em cenários de recursos limitados. Em um contexto técnico no qual soluções comerciais eram caras, escassas ou inexistentes, sua abordagem combinava prototipagem rápida, reaproveitamento de componentes e engenharia colaborativa com a equipe de campo. Essa cultura de oficina — da seleção de transistores de potência à padronização de caixas, interfaces e sinalização — manteve links de micro-ondas, repetidoras e subsistemas de energia operando com confiabilidade e autonomia em localidades remotas e sob condições adversas.

“Dinheiro curto também produz milagres”, conta Martins ‘explica que a equipe tinha preferência por acabamento preto com tipografia branca, algo que “era chique na época”. Os conjuntos mostrados nas fotos — de painéis a módulos de energia — foram fabricados na TV Cultura, em um processo participativo que reunia sugestões de

toda a engenharia. A maioria era autoexplicativa, com exceção de um painel dominado por dois voltímetros analógicos. O caso mais emblemático foi um no-break pioneiro, idealizado por Dagoberto, construído com um único transistor de potência BU208 — componente popular nas saídas horizontais de televisores. O projeto carregava baterias, oferecia saída DC 12 V e saída AC 110 V, e era capaz de sustentar repetidores de micro-ondas por até um dia com cerca de 400 W de entrega contínua. O protótipo ganhou o apelido de “Yes Brake” por sua robustez em operação prolongada.

Ele lembra sorrindo, que eventualmente, surgia um estouro inesperado — “um tiro, como de “três-oitão” — quando a tampa do BU208 perfurava ou se desprendia. A equipe identificou a causa como tensão inversa de pico esporádica e ajustou o condicionamento de transientes (snubbers/clampeamento e layout). Depois dessa correção, o sistema não voltou a falhar. Anos depois, Martins ainda encontraria uma unidade em funcionamento no posto da TV Cultura de Amparo.



Arquivo Pessoal



Arquivo Pessoal

Suporte de engenharia sob demanda para as afiliadas que compunham a DIOM-Sul nos estados de SP, PR, SC e RS, respectivamente EPTV, RPC e RBS”.

Ao relembrar sua passagem pelo Grupo Abril, entre 1989 e 1992, Wilson Martins afirma que sua missão ali era “tirar do papel uma nova rede de televisão, destinada ao público jovem, usando uma tecnologia totalmente inovadora no Brasil e baseada no modelo da MTV dos Estados Unidos”. Segundo ele, a programação da futura emissora seria composta por “videoclipes importados e material produzido em shows pela própria MTV, intercalados com programetes e as tradicionais ‘cabeças’, gravadas em três estúdios próprios”. Wilson recorda que “em 20 de outubro de 1990, colocamos a MTV no ar”, resultado de um processo que ele descreve como “intenso, preciso e completamente novo para qualquer padrão brasileiro da época”.

Ele explica que, poucos meses após assumir o cargo, o Grupo Abril expandiu sua operação: “O grupo adquiriu novas estruturas e, sob minha responsabilidade na Direção Técnica, a TVA entrou no ar em 1º de setembro de 1991 com cinco canais pagos”. Martins afirma que “o Grupo Abril foi o precursor de toda a indústria de TV por assinatura no Brasil, que hoje emprega milhares de pessoas”. Ele conta que tudo foi construído do zero: “Partimos da estaca zero e, junto com os responsáveis pela produção, programação e com a vice-presidência, fizemos um esboço macro de como seriam as instalações técnicas da MTV”. A ele cabia “estimar custos, escolher o prédio-sede, executar cronogramas, desenvolver projetos técnicos, especificar e negociar a compra de todos os equipamentos nacionais e importados, acompanhar fabricação, entrega, aceitação em fábrica, instalação final, testes e treinamento das equipes”. Wilson lembra ainda que “o controle das obras de ampliação e reforma do prédio também era responsabilidade da Diretoria Técnica”.

Outro ponto decisivo, segundo ele, foi a formação das equipes: “Também era função da DT selecionar, treinar e incorporar todo o corpo técnico e operacional, chamando cada profissional exatamente no momento em que as

instalações permitiam e o projeto exigia”. Quando a TVA entrou no processo, tudo teve de ser refeito: “Com a entrada da TVA, todo o planejamento precisou ser revisto — cálculos, custos, conceitos técnicos e operacionais — mas sem alterar o cronograma de lançamento da MTV”. Para o engenheiro, essa fase obrigou o grupo a abandonar padrões tradicionais: “As mudanças de rumo exigiram decisões totalmente não convencionais e quebraram paradigmas da radiodifusão brasileira, levando o setor a uma nova era”. Ele cita os principais marcos dessa revolução: “automatização da exibição com sistemas robotizados; câmeras CCD de baixa necessidade de luz; transmissores UHF de altíssima potência dividindo a mesma antena; VTs com processamento digital; links de micro-ondas em frequências muito altas; geradores de energia trabalhando em paralelo; up-links privados instalados dentro da Embratel; câmeras externas com CCD, iluminação e VT integrados; computação gráfica avançada; e o rearranjo dos fluxos operacionais, que permitiu que seis canais — a MTV e os cinco da TVA — compartilhassem as mesmas instalações e recursos técnicos”.

Martins relatou à reportagem que, enquanto a sede no Sumaré, em São Paulo, era montada em ritmo acelerado, “outras emissoras foram agregadas à rede em tempo recorde”. Ele lembra que “Rio de Janeiro, Curitiba, Ribeirão Preto, Salvador, Porto Alegre, Belém e Belo Horizonte passaram a receber o sinal da MTV e da TVA por instalações próprias do grupo ou por estruturas de empresas filiadas”. Fechando sua lembrança daquele período, ele resume: “Foi um dos projetos mais ousados e transformadores da história da televisão brasileira, e tive o privilégio de conduzir sua espinha dorsal técnica do início ao fim”.



Funcionários montam o que seria a unidade móvel da MTV na fábrica de carrocerias / Fotos: Arquivo Pessoal



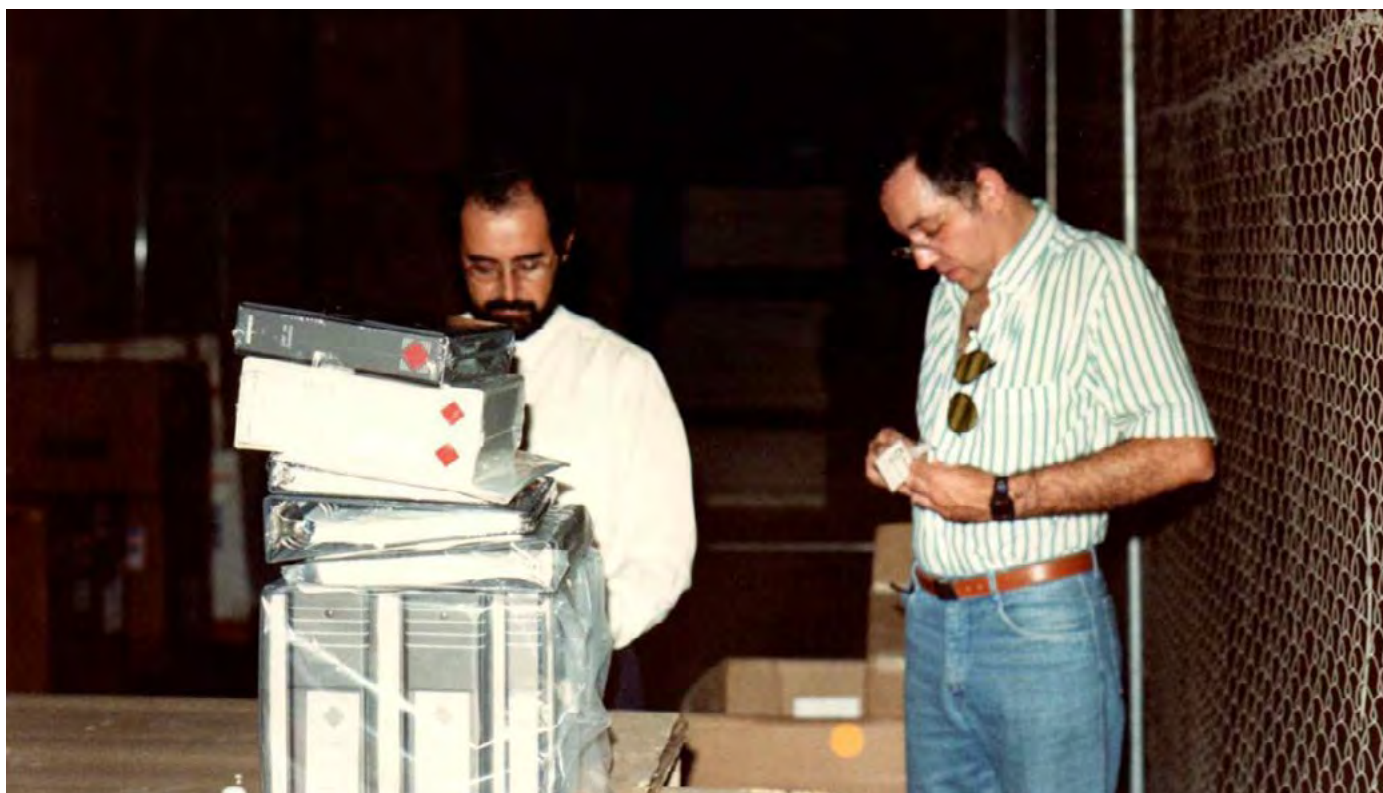
No prédio da TV, pessoal coloca alguns elementos do que seria a nova antena da MTV no polo 113 e 114/ Fotos: Arquivo Pessoal



RPTV de Orlandia no CH 20. Detalhe de arranjo de Yagis de recepção do ARCH 3 de Ribeirão Preto com Link STD BY/ Fotos: Arquivo Pessoal



Antena da TV Cultura fabricada na emissora e colocada da torre de Amparo, interior de SP / Foto: Arquivo pessoal



Técnicos da emissora separando manuais para começar a montar os equipamentos/ Foto: Arquivo pessoal

Passo pela rádio e trabalho em Campinas

Em seu relato sobre a passagem pela Rede Transamérica entre 1992 e 1993, Wilson Martins recorda que foi “responsável pelo estúdio de gravação fonográfica e por seis geradoras de FM instaladas em São Paulo, Rio, Curitiba, Brasília, Salvador e Recife, além de orientar tecnicamente as afiliadas de todo o país”. Ele lembra que, entre as primeiras ações, precisou “planejar e iniciar um programa de reabilitação técnica para toda a rede”, incluindo a instalação dos novos transmissores de São Paulo, e declara: “Foram dois transmissores de 35 kW, que juntos resultaram na maior potência irradiada do mundo, com 420 kW, conforme divulgado nas campanhas da Shively Labs, fabricante da antena nos Estados Unidos”.



Acima: Container para Mini Site da EPTV em Leme/SP CH UHF.
Abaixo: Nano site em Ipuã/SP CH 60 SFN com energia solar. Ambos do Grupo EPTV/ Foto: Arquivo Pessoal

Ao relembrar a etapa seguinte da carreira, na EPTV, afiliada da Globo no interior de São Paulo, entre 1993 e 2010, Wilson Martins conta que assumiu Gerente de Engenharia e, posteriormente, diretor de Engenharia de “quatro geradoras de TV, duas emissoras FM, 64 sites retransmissores e diversas instalações remotas, somando 82 endereços técnicos entre São Paulo e Minas Gerais”. Segundo ele, seu trabalho inicial consistia em “acompanhar as rotinas de manutenção e operação, atuar nos casos específicos fora da normalidade, resolver questões de RF, planejar expansão de cobertura, desenvolver equipamentos sob medida com terceiros, tratar interferências de satélite e padronizar sites RTV, além de lidar com demandas relacionadas a áudio, vídeo e testes”. Com o passar do tempo, ele explica que passou a “responder pelo planejamento estratégico das áreas tecnológica e operacional, pela elaboração e administração dos orçamentos anuais, pelo cumprimento das metas, pelos projetos de implantação e manutenção, pela atualização constante das instalações e pela qualidade e confiabilidade dos sinais no ar”.

“Na Transamérica instalamos transmissores que irradiavam 420 KW, a maior potência do mundo à época”

O engenheiro afirma que liderou uma série de transformações que modernizaram profundamente a rede: “Conduzimos a adoção de fluxogramas e tecnologias inéditas, que trouxeram resultados imediatos para jornalismo, programação, produção e comercial — as áreas fim de qualquer emissora”. Ele lembra que uma das decisões mais estratégicas ocorreu em 1998, quando instituiu “o critério de arquitetura aberta e flexível para todos os projetos de engenharia”, o que, segundo ele, “permitiu que a implantação da TV digital na EPTV se tornasse uma rotina simples, sem necessidade de grandes reformas nem investimentos excessivos, ao contrário do que ocorreu em outras redes”. Ele destaca que essa decisão foi fundamental para o projeto que veio depois: “Após entregarmos a infraestrutura de alta definição para as geradoras de Campinas, Ribeirão Preto e São Carlos, partimos para a etapa mais ampla, envolvendo também Varginha e as retransmissoras de Amparo, Araraquara, Barretos, Cravinhos, Franca, Indaiatuba, Limeira, Mogi Mirim, Piracicaba, Poços de Caldas, Sertãozinho, além de Orlandia e Serrania”. E completa: “Em apenas 18 meses, levamos a programação da Copa do Mundo de 2010 em HD para mais de 50% da nossa população atendida. Continuamos sendo a única rede do país

a colocar tantos sites de transmissão em HD no ar simultaneamente, disponibilizando o serviço tão rapidamente para mais da metade do público”. Wilson afirma ainda que todo o planejamento estratégico garantiria “100% de cobertura populacional até junho de 2016, data oficial do desligamento analógico no Brasil, sem transtornos ou gargalos”.

Ao revisitar os marcos técnicos implantados, ele destaca uma lista de avanços que se tornaram referência no mercado: “Fomos pioneiros em áudio estéreo, SAP e PRO em 100% do território em 1995; implantamos telessupervisão via rede celular em todas as estações remotas; criamos links terrestres digitais usando rádios analógicos já instalados; implantamos a exibição automatizada de comerciais totalmente tape-less com equipamento brasileiro em 1999; implantamos jornalismo com ENL e exibição tape.less em 2000; introduzimos camcorders CCD 16x9 com iluminação integrada; desenvolvemos o conceito de Pico Postos para implantação barata de retransmissoras; criamos o gravador de censura e tira-teima para todas as quatro emissoras, acessível via intranet; inauguramos o núcleo de produção em HD em 2005, que produziu o primeiro Globo Repórter em alta definição exibido em dezembro de 2007; fomos a primeira emissora do

interior do país a transmitir em HDTV regularmente; a primeira a produzir todo o conteúdo local em HD; e pioneiros no uso de antenas CP em sistemas digitais de transmissão e retransmissão”.

Wilson conclui dizendo que “cada uma dessas iniciativas ajudou a construir uma das redes regionais mais modernas e estruturadas do país, sempre colocando a engenharia a serviço do conteúdo, da operação e, acima de tudo, da audiência”.



Equipe da TV Cultura reunida em janeiro de 2026 na casa do expresidente da SET, Olímpio Franco. Na foto: Olímpio Franco, Miguel Cipolla Junior, Mário Clemente Ramos, Waldemar (Dema), José Munhoz (ex-presidente da SET) e Wilson Martins/ Foto: Arquivo Pessoal

O futuro da TV sob o olhar de um hertziano convicto

Em tom contemplativo, Wilson Martins reflete sobre o futuro dizendo que “é meio difícil porque eu sou um ser humano analógico e ainda por cima convicto”. Ele afirma ter vivido “por dentro a época de ouro da televisão brasileira”, algo que descreve como “um presente” e uma sorte que ainda tenta compreender. “Já se passaram mais de cinco décadas desde que entrei pela portaria do prédio da Alfonso Bovero 52 no Sumaré”, conta, acrescentando que ainda hoje se vê “tagarelado o tempo todo sobre esse ofício”.

Ele afirma que jamais conseguiu criar algo totalmente sozinho: “Se nem lá, onde não restou nada de uma TV, consegui criar algo sozinho, o que revelarão as outras missões que recebi?”. Em sua visão, tudo o que construiu veio “de mão beijada e de bom grado de todos os fazedores de legado que passaram antes”, pessoas

que, segundo ele, “sabem muito bem quem são porque se trata deles mesmos”.

Ao refletir sobre o que vem pela frente, Martins se descreve como “Hertziano fundamentalista” e admite uma suspeita: “Não tenho certeza, apenas desconfio que a televisão como conhecemos irá acabar”. Ele imagina um futuro sem torres, sem antenas, sem os “predinhos nostálgico dos transmissores”, os CP -*Circular Polarization* (Polarização Circular), e afirma que a tal “tela ligada por um fio numa parede qualquer” não é televisão: “Sinto muito, mas não é não. É outra coisa que te permite ver imagens ao longe, mas não é televisão”. E acrescenta com ironia tranquila: “Pensando melhor, deixem que pensem que inventaram algo do zero. Deixem que pensem”.



Nome: Wilson Rodrigues Lopes Martins

Data de nascimento: 21/02/1950

Naturalidade: São Paulo

Formação: Engenharia Elétrica

na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC) em 1975

Estado Civil: Casado

Filhas: Duas

Enteadas: Duas